

No Dia de Portugal, abrir um livro de poesia

written by Filomena Villas Raposo | 10 de Junho, 2026

OCIDADÃO
Journalism Online

OPINIÃO

Filomena Villas Raposo



Todos os anos, quando chega o dia 10 de junho, voltamos a olhar para as bandeiras, para as cerimónias e para os símbolos que nos recordam quem somos. Celebramos Portugal, evocamos Camões e lembramos as comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo. E fazemos bem.

Mas talvez haja outra forma de celebrar este dia. Talvez possamos celebrá-lo através das palavras. Não apenas das palavras dos discursos oficiais, mas das palavras que habitam os poemas. Afinal, foi um poeta que deu o nome a esta data. E talvez não exista forma mais adequada de homenagear uma língua do que escutá-la na sua

expressão mais
livre e mais bela.

A língua portuguesa tem um dia próprio no calendário. Ainda assim, é impossível separar a língua da ideia de Portugal. Ela acompanha-nos desde a infância, molda o nosso pensamento, guarda as nossas memórias e transporta uma maneira particular de estar no mundo e de sentir o mundo.

Por vezes falamos da língua como se fosse uma herança recebida intacta dos nossos antepassados. Mas uma língua não é uma peça de museu. Não permanece imóvel atrás de uma vitrina. Vive na boca de quem a fala, nas páginas de quem a escreve, nas canções de quem a canta e até nos silêncios de quem procura as palavras certas. É uma construção coletiva, feita de encontros e desencontros, de viagens e regressos, de permanências e transformações.

O português atravessou oceanos e continentes. Encontrou outros povos, outras culturas e outras formas de olhar a realidade. E, em cada encontro, saiu diferente: mais amplo, mais rico, mais diverso.

Talvez por isso a poesia seja um dos lugares onde melhor podemos reconhecer essa riqueza. Nos versos dos autores lusófonos encontramos não apenas uma língua comum, mas múltiplas maneiras de a habitar. Cada poema revela uma música diferente, uma paisagem distinta, uma sensibilidade própria.

Neste Dia de Portugal, proponho por isso um gesto simples:

abrir um livro de
poesia. Ler Camões, mas também ler aqueles que vieram depois
dele. Escutar as
vozes que, de diferentes geografias e experiências, continuam
a dar novas formas
à mesma língua.

Porque celebrar Portugal é também celebrar aquilo que nos une
para lá das
fronteiras.

E talvez a língua seja a mais duradoura dessas pontes.
Costuma dizer-se que a língua é a casa do ser. Eu gosto de
pensar nela como uma
casa com muitas janelas. Uma casa onde cabem diferentes
paisagens, diferentes
memórias e diferentes afetos.

Uma casa onde a palavra “coração”, quando perde o “c”, se
transforma em “oração”.

Talvez não seja apenas um acaso da língua. Talvez seja um
lembrete de que as
palavras mais importantes são aquelas que nos aproximam dos
outros.